

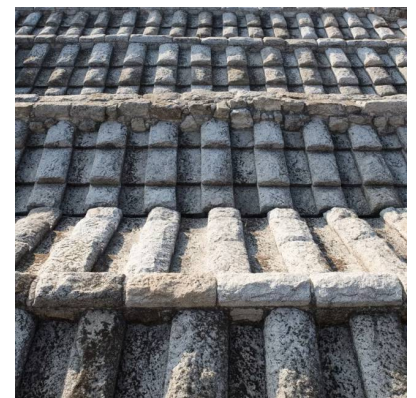
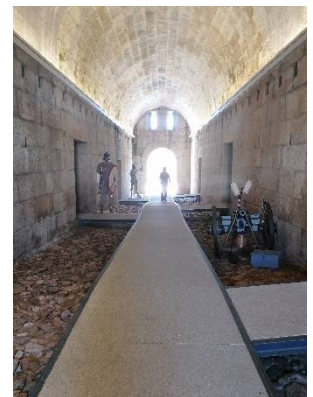
Museu Histórico Militar de Almeida

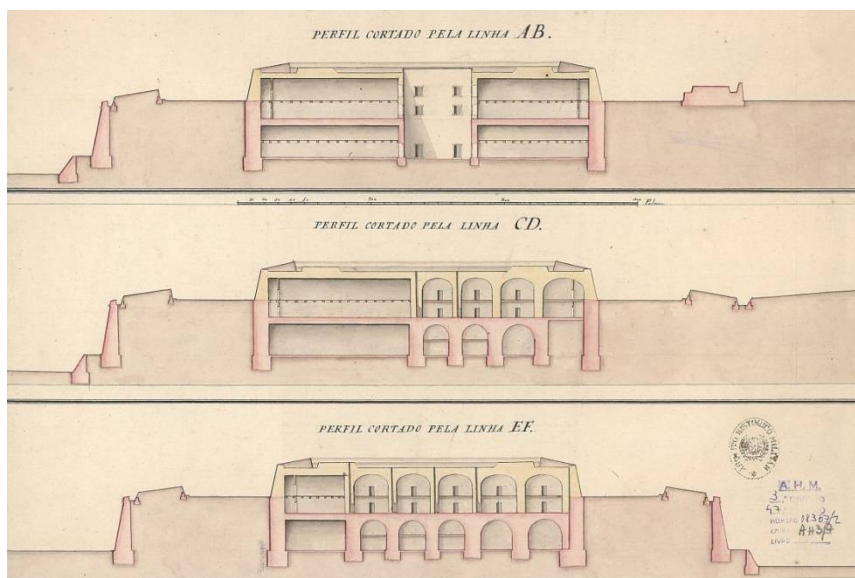
O curioso edifício do Baluarte de S. João de Deus terá tido a sua primeira fase construtiva no Séc. XVII, aparecendo representado pela 1ª vez em 1736 na planta do Engº Mor do Reino *Manoel de Azevedo Fortes*. A ser completado na sua totalidade, seria na verdade mais ousado, nomeadamente na construção de um grande Cavaleiro com três níveis e terraço para artilharia, conforme projecto apresentado por Anastácio de Souza e Miranda e Maximiano da Serra em 1801. Em lugar do edifício em altura podemos ver a originalidade de um sistema de **cobertura** constituído por megálitos de granito imbrincados (à semelhança de telhados dos templos e das *stoas* do período grego clássico), com caleiras redondas no mesmo material.

O interior, apresenta 20 salas subterrâneas, ao longo dos seus quase 2500 m², são construídas em abóboda de volta perfeita, todas têm ventilação, excetuando duas, e distribuem-se à volta de um corredor e pátio central.

A sua funcionalidade esteve, ao longo dos tempos ligada a dois vetores essenciais, a paz e a guerra. Em tempo de guerra serviu para abrigar a população da Vila "Homens, mulheres, freiras, e doentes" ao mesmo tempo que "abrigou militares em descanso pela falta de casernas na Vila", regista-se ainda que foram prisões entre os anos de 1832 e 1834, nas Lutas Liberais (Portugal). Nos tempos de paz foi armazém de víveres dada a sua dimensão e características, destacando-se a sua autonomia em termos de abastecimento de água, possui cisterna e poço, com água abundante durante todo o ano.

O Museu, é uma viagem temporal pela História que nos mostra **Almeida** como um ponto focal percebido, desde cedo, como fazendo parte do futuro do país, constantemente renovado.





“PERFIL CORTADO PELA LINHA AB” / “PERFIL CORTADO PELA LINHA CD” / “PERFIL CORTADO PELA LINHA EF”, referentes ao projecto do Cavaleiro do baluarte de São João de Deus, realizado por Anastácio Miranda e Maximiano Serra em 1801, do qual apenas foi concretizado o piso inferior. AHM –Div 3–47–AH 3.7–18367.2, Arquivo Histórico Militar, Lisboa.

Museomanias:

Continuando no enigmático Baluarte de S. João de Deus:

*(...). Em **Almeida**, paisagem de fronteira numa terra que mais parece de ninguém, a fortaleza simboliza a arte de saber esperar pelo desconhecido em permanente atitude de alerta. Aqui, a paisagem, como o tempo, não tem idade.”*

Quase intemporal Almeida apresenta-se de forma hexagonal, quase regular, não obstante ter tido o seu traçado teórico inicial baseado num desenho heptagonal, parecendo certo que os primeiros redutos a serem erigidos para a nova **Almeida** tivessem sido os baluartes da Cruz, ou de São Francisco, e **o de S. João de Deus**, defendendo o quadrante menos protegido do sítio. A disposição radial dos pentágonos de cada um dos seis baluartes seria regulada pelo alcance de um tiro de mosquete, o que representaria, em meados do século XVII, o máximo de uns 750 pés, isto é, à roda dos 220 metros.

O baluarte de São João de Deus, com 28 canhoneiras, é o que apresenta maior número de posições para as peças de artilharia. No total, a Praça-forte de Almeida posicionava a sua defesa com mais de uma centena de canhões, estando os restantes distribuídos pelos baluartes de Santa Bárbara (23), São Francisco (18), Nossa Senhora das Brotas e Santo António (13 cada) e São Pedro (10). Ao nível da corda, este baluarte, conserva ainda o seu caminho de ronda, (pese embora esta solução seja pouco habitual na fortificação abaluartada), tem plataforma no ângulo e cavaleiro lajeado para morteiros e guaritas a pontuar os ângulos.